

Ernesto d'ANDRADE

Univ. de Lisboa

Bernard LAKS

CNRS

NA CRISTA DA ONDA: O ACENTO DE PALAVRA EM PORTUGUÊS

O acento de palavra em Português já foi objecto de um grande número de análises diferentes e, nalguns pontos cruciais, divergentes. Estas divergências estão, sem dúvida, ligadas à complexidade aparente do problema.

Pode-se notar que o sistema acentual apresenta aparentemente dois sub-sistemas específicos, um para os Nomes e outro para os Verbos. No caso dos Nomes, o acento pode incidir na última sílaba, como em *café*, *javali*, *rapaz*, na penúltima, como em *modelo*, *fútil*, ou na antepenúltima, como em *júbilo*, *divórcio*. No caso dos Verbos, o acento pode incidir na última, *parti*, *falará*, na penúltima, *falemos*, *falamos*, *partimos*, na antepenúltima, *déssemos*, *coméssemos*, na ante-antepenúltima, *dávamo-lo*.

Na presente comunicação defenderemos a ideia de que esta complexidade não é senão aparente e propomos uma análise na qual uma só marca lexical e um só princípio acentual estão na base da acentuação de palavra em Português. Esta análise, fundada numa noção rítmica, situa-se no quadro formal chamado "Só grelha" (Cf. Prince (1983), Laks (1988, 1990)). A fim de contrastar os nossos resultados com análises anteriormente propostas faremos uma breve apresentação sintética destas últimas, apresentaremos os elementos de morfologia derivacional do Português necessários para a análise da acentuação das palavras e, por fim, apresentaremos a nossa própria proposta.

Podemos verificar que nos Nomes como nos Verbos o acento não sobe além da antepenúltima, com excepção de formas verbais bem determinadas para as quais proporemos uma análise morfológica. Esta limitação da subida do acento é, do ponto de vista tipológico, grandemente sugestiva. Parece-nos estarmos em presença de uma acentuação quase fixa, no sentido de Martinet (1965) e Garde (1968). Note-se, ao mesmo

tempo, que esta limitação na subida do acento é coerente com a diacronia da dialectização latina, assim como típica das línguas românicas. Sabe-se que, neste quadro, a subida do acento é essencialmente devida ao efeito da quantidade em Latim clássico e que esse efeito se atenuou progressivamente, ou até se transformou nas línguas românicas. Por isso, é possível que se pense tratar a atribuição do acento em Português com a ajuda de uma análise da quantidade semelhante à que encontramos em Latim. Porém, numerosos argumentos tomam tal hipótese duvidosa. Saliente-se:

Fora do sistema acentual, a quantidade não parece desempenhar qualquer papel na fonologia do Português.

As vogais mais longas encontram-se sistematicamente em posição tónica. Decorre deste facto que a duração é resultado da acentuação e, como tal, não pode constituir o seu princípio explicativo como o mostra café, cafés, modelo, descasca, fístula, cúpula. Para além disso, no caso dos Verbos, a quantidade da penúltima não desempenha qualquer papel como se vê em falávamos vs falamos. Concluiremos, deste modo, com a maioria dos fonólogos que se interessaram pelo Português que se trata de um sistema não quantitativo.

Exceptuando o caso de palavras derivadas com -mente ou com sufixos que apresentem um -z-, a acentuação em Português tem sido analisada em Fonologia como sendo mono-acentual, isto é, sem acento secundário e sem eco acentual. Contudo, alguns trabalhos recentes levam a pôr esta posição em dúvida. Assim, Andrade e Viana (1988, 1989) mostram a existência fonética de ecos do acento principal que incidem nas sílabas pares à esquerda deste. Estes ecos do acento, que se apresentam como uma onda rítmica (ou princípio rítmico de alternância entre batimentos fortes e batimentos fracos), são, em geral, foneticamente marcados pela duração relativa das sílabas que ocupam aquela posição. (A existência desta onda rítmica desenvolvendo-se da direita para a esquerda, conduziu Andrade e Viana (1989) a apresentarem uma análise em termos de grelha e constituintes).

Sabe-se que a existência de ecos do acento foi muitas vezes analisada em termos de constituintes e que, por exemplo, estes constituem um elemento central no desenvolvimento do modelo de Halle e Vergnaud (1987). Contudo, não se trata de uma conclusão obrigatória visto que os modelos sem constituintes, como os de Prince (1983) ou Laks (1988), que

fazem apelo a uma primitiva rítmica, os tratam sem referência a uma organização interna da cadeia sonora em termos de constituintes. Sem retomar aqui este debate, sublinhe-se a importância desta noção rítmica para a acentuação do Português e o facto de a noção de onda rítmica implicar a da sua ancoragem, ou se preferirmos a de desencadeador dos ecos acentuais. Deste modo, é só a partir do momento em que se tiver uma compreensão clara da atribuição do acento principal que os ecos acentuais podem ser analisados. Por outro lado, o facto do acento principal suscitar ecos rítmicos esclarece-nos sobre a sua natureza e a sua função no sistema fonológico da língua considerada. Enquanto acento quase fixo, ele atribui um papel demarcativo e permite a a percepção da composição morfológica. Esta informação morfológico-lexical é central do ponto de vista da compreensão (Cf. cômputo vs compute). Em Português, um locutor nativo é capaz de reconhecer entre um Nome e um Verbo, entre uma vogal marca de classe e uma vogal não marca de classe, etc., baseando-se na posição do acento principal. A existência de um eco desse acento principal reforça o seu poder informativo, organizando a cadeia sonora como um domínio rítmico no qual ele ocupa o último lugar tónico. Esta análise é ainda reforçada pela impossibilidade de ter um acento secundário (logo não ligado ao principal) ou um eco de acento (logo ligado ao principal) à direita do acento principal. A limitação da subida do acento para além da última ou da penúltima do radical constitui um argumento suplementar para a sua análise em termos demarcativos.

Estas observações conduzem-nos a analisar de mais perto as relações entre composição morfológica e acentuação. Andrade (1983) constitui uma análise que corresponde a esta orientação. Com efeito, trata-se de analisar o sistema acentual do Português, em termos de árvores e constituintes, tendo em conta a estrutura morfológica das palavras e atribuindo um papel fundamental à noção de Radical Derivacional (o que resta da palavra uma vez retiradas as marcas de classe e de número ou de pessoa e número). Este estudo propõe uma análise simples e forte que reduz a aparente complexidade dos factos a um princípio essencial: o acento principal incide na última vogal do radical, ou na penúltima no caso de haver uma vogal extramétrica. Esta conclusão parece-nos particularmente importante mas depara-se com algumas dificuldades de aplicação. Por

exemplo, o recurso à noção de extrametricidade pode ser problemático. Conservando o essencial das intuições apresentadas nesse artigo, a nossa análise pretende resolver essas dificuldades, atribuindo toda a sua importância à noção de onda rítmica.

Notemos que se pode unificar a morfologia derivacional do português considerando que, tanto para os Nomes e Adjectivos como para os Verbos, uma forma lexical de superfície é constituída por um radical ou um tema, isto é por uma entrada morfológica plena, seguido à direita por uma marca de classe (muitas vezes de género) e de uma marca de número ou uma marca de tempo seguida de uma marca de pessoa-número, isto é por morfemas gramaticais. Para além disto, um certo número de clíticos pode aparecer de maneira relativamente livre à esquerda do radical, tema, ou à direita do conjunto da forma. (Conhece-se a excepção aparente do Futuro e do Condicional que pode apresentar clíticos entre uma forma idêntica à do Infinitivo e as terminações próprias do Futuro e do Condicional). Lembremos que, como o nome o indica, os clíticos são não só átonos mas inacentuáveis. Deste ponto de vista, a composição morfológica é relativamente homogênea entre Nome, Adjectivo e Verbo. Uma das dificuldades da morfologia portuguesa, particularmente prejudicial para a análise do acento reside no carácter defectivo de certas marcas de classe e de tempo (café, hospital, falo, ataca). No caso dos Nomes esta ausência de marca de classe tem um efeito determinante sobre a posição do acento visto que ele, em vez de se encontrar como regularmente na penúltima sílaba, se encontra na última. Pelo contrário, a ausência de marca de tempo não parece ter efeitos sobre a posição do acento (café vs modelo, falo vs falamos). Voltaremos ao caso das marcas temporais. Notemos, todavia desde já que as marcas de tempo realizadas, com excepção da do Presente do Conjuntivo são sempre, e em todas as posições, átonas.

Relativamente aos Nomes e os Adjectivos partiremos do seguinte princípio:

1. A acentuação em português resulta da expansão direita-esquerda de uma onda rítmica cujo tempo inicial é cavado.

Num quadro 'Só grelha' parametrizamos o modelo do seguinte modo:

- 2.1. Em N_0 projectar as vogais;
2. Em N_0 , grelha perfeita direita-esquerda, cavado
3. Em N_1 , regra de Fim, direita.

3.

*	*
. * .	. * . * .
x x x	x x x x x

modelo organizado

Nesta análise, a atribuição do acento principal e dos seus ecos rítmicos é o resultado de um duplo processo (Grelha Perfeita e Regra de Fim). Como demonstrado em Laks (1990), este resultado é insatisfatório na medida em que a atribuição do acento principal e dos ecos rítmicos é devida a dois procesos formalmente disjuntos e na medida em que o acento principal é visto como um dos acentos rítmicos promovido especialmente. Para unificar estes dois processos num único e logo derivar os ecos rítmicos como ecos do acento principal, assim como igualmente para ter em consideração o facto de a onda rítmica apresentar um decréscimo da intensidade das cristas à medida que vai progredindo diremos que a onda rítmica crista-cavado atribui directamente a proeminência absoluta à primeira crista, fundindo deste modo os factos de GP de RF.

4. Princípio de acentuação modificado:

Onda rítmica crista-cavado ancorada à direita, primeira crista forte.

A parametrização do modelo será então:

- 5.1. Em N_0 projectar as vogais;
2. Em N_0 GP direita-esquerda, cavado, primeira crista forte.

6.

*	*
. * .	. * . * .
x x x	x x x x x

modelo organizado

Note-se que, nestes exemplos, a onda rítmica está ancorada ao limite direito da palavra. Partiremos do princípio que quando não existe ponto de ancoragem explicitamente designado como tal é sempre o limite direito que desencadeia a onda.

Este primeiro princípio da onda rítmica direita-esquerda, primeira crista forte ancorada à direita descreve os casos de acentuação penúltima nos Nomes e nos Adjectivos. Sabe-se que um certo número de palavras pertencendo a estas classes são regularmente acentuadas na final. Estas palavras apresentam a particularidade de ter aquilo a que chamamos uma marca de classe defectiva. Para dar conta das palavras acentuadas na última com a ajuda do princípio de acentuação (cf. 4.), é suficiente que se postule que a marca de classe ainda que foneticamente vazia possui uma posição rítmica. Seja, com a parametrização anteriormente considerada:

7.

*	*	*	*
. * .	* . * .	* .	* . * .
x x x	x x x x	x x x	x x x x

café. hospital. modelo africano

A classe dos Nomes e Adjectivos apresenta, como se sabe, um certo número de excepções ao esquema acentual que acabamos de ilustrar. Estas excepções são regulares no sentido em que só os Nomes e Adjectivos que têm marca de classe explícita são susceptíveis de uma acentuação na antepenúltima enquanto que os que apresentam uma marca defectiva só podem, no máximo, ser acentuados na penúltima. O tratamento destas excepções releva manifestamente do léxico. Postularemos que uma entrada lexical pode constringer a onda rítmica. Esta restrição é materializada pelo facto de uma vogal da entrada lexical

considerada ser portadora de um cavado rítmico pré-atribuído. Sejam as entradas útil, aristocrático. Para derivar correctamente o padrão acentual destes exemplos é necessário e suficiente que se precise o modo de ancoragem da onda rítmica produzida pelo princípio 4 dado acima.

8. Princípio de ancoragem: 4 ancora-se na primeira posição correspondente ao seu tempo inicial; na ausência de uma tal posição, ancora-se ao limite direito.

Assim, quando uma palavra não tem cavados lexicais pré-atribuídos a onda rítmica ancora-se ao limite direito da palavra, como vimos anteriormente, mas quando a palavra possuir um ou mais cavados pré-atribuídos lexicalmente a onda rítmica ancora-se no primeiro cavado que encontrar aquando da sua propagação. (Esta posição cavada corresponde ao tempo inicial):

9.

Entrada: útil. catástrofe catastrófico

*		*		*
* . .	. * . .	* . * . .	* . * . .	* . * . .
x x x	x x x x	x x x x x	x x x x x	x x x x x

Acentuação: útil. catástrofe catastrófico

Note-se que um dos efeitos do princípio de ancoragem é que quando uma palavra tem um cavado lexical pré-atribuído, as posições situadas à sua direita não são afectadas pela onda rítmica visto que ela se ancora na primeira posição cavada e progride da direita para a esquerda. As posições situadas à direita não são afectadas e são consideradas cavadas por defeito. Note-se também que quando uma palavra tiver vários cavados lexicais pré-atribuídos, a onda rítmica ancorando-se no primeiro cavado que encontrar pode tornar tónico um cavado pré-atribuído se este último estiver numa posição ímpar em relação ao ponto de ancoragem da onda. Cf. catastrófico.

A atribuição de cavados lexicais merece algumas observações. Como já foi notado por muitos autores, nomeadamente pelos que trabalham no quadro da fonologia lexical, um certo número de morfemas é acento-repelente. É, por exemplo, o caso em português de

-ico, -voro, -gero, etc. A nossa análise apresenta a vantagem de não ter de introduzir uma computação cíclica ou uma análise em estratos. É suficiente que estas morfemas sejam lexicalmente cavados para que, numa ocorrência em que aparecem vários, a onda rítmica ao ancorar-se no primeiro cavado os reorganize correctamente. Este fenómeno não é arbitrário. Como já foi notado, a acentuação específica na realidade a forma terminal da curva entoacional, aquilo a que Laks (1990) chamou a 'coda rítmica'. Assim, o Latim, por exemplo, impõe uma coda rítmica cavada, isto é, por outras palavras, a curva acentual em latim não pode ser direita, necessita sempre de uma posição de descanso. É o caso do português, com a diferença que esta coda rítmica (crista-cavado) pode não ser atribuída ao fim da palavra, dando acentos finais ou penúltimos em palavras com marca de classe defectiva mas pode ser atribuída a uma posição previamente cavada que satisfaz deste modo a forma da coda rítmica. É o caso das antepenúltimas com marca lexical cavada pré-atribuída. Antes de deixar a acentuação dos Nomes e Adjectivos convém notar ainda que é possível ter um acento secundário sobre a inicial, seja qual for a paridade da inicial relativamente ao ponto de ancoragem da onda rítmica. Quando esta inicial é ímpar em relação a esse ponto, a sua proeminência acentual é-lhe atribuída sem mais estipulações pela onda rítmica. Pelo contrário, quando a inicial se encontra numa posição par em relação ao ponto de ancoragem da onda rítmica, esta atribui-lhe um cavado. É, neste caso, necessário atribuir-lhe uma crista correspondente à sua proeminência secundária. Num quadro só grelha, isso é executado pela invocação da Regra de Fim inicial. Essa crista acentual atribuída pela RF encontrar-se-á então directamente adjacente à crista atribuída pela onda rítmica. É de notar que, em português, estas duas cristas secundárias podem coexistir ou a acentuação inicial pode reduzir a um cavado a crista atribuída normalmente pela onda rítmica. Formalizamos esta observação postulando a opcionalidade da aplicação de RF inicial antes do desencadeamento da onda rítmica e a opcionalidade da restrição EAA (Evitação de Antagonismos Antes) sobre a onda rítmica.

10.1. Acentuação inicial pela onda rítmica

*
* . * .
x x x x

africano

2. Acentuação inicial por RF e onda rítmica sem EAA

*
* . . * .
x x x x x

armoricano

3. Acentuação inicial por RF com EAA

*
* * . * .
x x x x x

armoricano

Em resumo, a acentuação última, penúltima e antepenúltima dos Nomes e Adjectivos analisa-se, em português, pela aplicação de dois princípios simples: Um princípio de onda rítmica e um princípio de ancoragem. Contudo, é necessário postular que as marcas de classe defectivas estão associadas a uma posição rítmica e que um certo número de morfemas pode ser portador de um cavado lexical pré-atribuído.

Sabe-se que os Verbos podem apresentar uma acentuação última, penúltima, antepenúltima, ou talvez até mais profunda em presença de clíticos. Sem propor aqui e agora uma análise morfológica completa e postulando que os clíticos são adjuntos depois da atribuição do acento, sem modificar o lugar do acento qualquer que seja o seu lugar de inserção, a acentuação dos Verbos reduz-se aos esquemas: última, penúltima e antepenúltima. O acento na última só se encontra nas formas em que as marcas de tempo,

pessoa e número estão amalgamadas num único morfema, que para além disso se manifesta foneticamente sem vogal parti, bateu, falei. (Lembremos que a estrutura morfológica das formas verbais é a seguinte: Radical + Vogal Temática + Marca de Tempo + Marca de Pessoa e Número). Partimos do princípio que estas marcas atribuem à forma em questão uma posição rítmica foneticamente vazia. Pela simples aplicação do princípio da onda rítmica e do princípio de ancoragem deduz-se o esquema acentual na última.

11.

*	*	*
. * .	. * .	* .
x x x	x x x	x x x
parti.	bateu.	falou.

As acentuações na penúltima correspondem ao esquema regular, segundo o qual a onda rítmica se ancora, à falta de melhor, no limite direito. (falamos, partimos).

Os esquemas antepenúltimos levantam evidentemente um problema visto que a ancoragem por defeito da onda rítmica só pode produzir acentuações penúltimas. Note-se simplesmente que todas as acentuações verbais antepenúltimas supõem a presença de uma marca de tempo realizada, (falávamos, acabássemos). Postulamos que essa marca de tempo traz um cavado lexical pré-atribuído sobre o qual a onda rítmica poderá ancorar-se.

12.

.	.
Entrada: falávamos	acabássemos
*	*
. * . .	* . * . .
x x x x	x x x x x

Acentuação: falávamos acabássemos

Esta generalização exige uma pequena explicação, restrição. Com efeito, se o Presente do Indicativo se distingue do Presente do Conjuntivo pelo facto de este último ter uma marca, é necessário postular que esta marca é a única que não é cavada, como o mostra falamos, falemos. Temos, deste modo, uma tripartição das marcas de Tempo: o Presente do

Indicativo opõe-se ao Presente do Conjuntivo pela ausência de marca de Tempo, os dois Presentes opondo-se a todos os outros Tempos não só pelo facto de estes terem uma marca mas também por causa de essa marca ser lexicalmente cavada.
13.

Entrada:	falam	falemos	falássemos
	*	*	*
	* .	. * .	. * . .
	x x	x x x	x x x x

Acentuação: falam falemos falássemos

Observe-se que esta análise, que atribui um cavado lexical às marcas de Tempo, resolve os problemas de extrametricidade encontrados por Andrade (1983). Para além disso, essa postulação conduz correctamente a considerar um certo número de acentuações penúltimas aparentemente regulares como relevando, na realidade, da aplicação de processos que produzem uma acentuação antepenúltima, como é o caso de falava.

As acentuações mais profundas do que a antepenúltima exigem uma breve observação. Uma acentuação antepenúltima cliticizada, visto que a cliticização é pós-acentual e que os clíticos são inertes do ponto de vista acentual, aparecerá em superfície como ante-antepenúltima (dávamo-lo). É até possível obter acentuações aparentemente ainda mais profundas juntando clíticos suplementares (dávamo-no-lo).

Convencer-nos-emos, sem dificuldade, que esta análise não encontra os problemas com os quais, com estes exemplos, seria necessariamente confrontada uma análise estrática ou cíclica.

O resultado a que chegamos é notável pela sua simplicidade e coerência. O Português estipula que a coda rítmica da palavra é necessariamente descendente (de tipo crista-cavado), que esta descida pode operar-se sobre várias sílabas (crista-cavado, crista-cavado-cavado). A aparente complexidade do sistema acentual e a sua aparente heterogeneidade, que obriga a que acentuação nominal e acentuação verbal se oponham, são, na realidade factos superficiais. Dois princípios e só dois princípios operam: um

princípio de onda rítmica direita-esquerda, cavado, com a primeira crista forte e um princípio de ancoragem desta onda que localiza o seu cavado inicial no primeiro cavado pré-atribuído encontrado ou à falta dele na margem direita da palavra. Estes dois princípios interferem com algumas especificidades morfológicas: o facto de as marcas de classe defectivas apresentarem apesar de tudo uma posição rítmica foneticamente vazia, assim como as marcas de tempo, pessoa e número quando são aglutinadas. Alguns sufixos e algumas entradas lexicais apresentam cavados lexicais pré-atribuídos, o que modifica os esquemas acentuais de superfície. Em fim de conto, o sistema acentual do Português aparece como um sistema rítmico simples que a morfologia da língua emascara parcialmente. Este ritmo que está no ouvido de qualquer locutor português e que constitui a sua marca de reconhecimento está na própria base da fonologia da língua. Falar uma língua, para um locutor nativo, é primeiro saber em que tom cantá-la, e, em seguida, deixar-se levar pela crista da onda.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, E. d', 1983, "O acento de palavra em Português", in Col. on Spanish, Portuguese and Catalan Linguistics. STACZEK, ed., (1987). G.U.P., Wash.
- ANDRADE, E. d', LAKS, B., 1987, "Fonologia métrica e análise aritmética da quantidade", in Actas do III Encontro da APL. Lisboa.
- ANDRADE, E.d', VIANA, M.C., 1988, "O ritmo e o acento em Português". 2º Enc. Reg. da APL.
- ANDRADE, E.d', VIANA, M.C., 1989, "Ainda sobre o acento e o ritmo em Português", in Actas do IV Encontro da APL. Lisboa.
- GARDE, P., 1968. L'accent. PUF. Paris.
- HALLE, M., VERGNAUD, J.-R., 1987. An essay on stress. MIT Press.
- LAKS, B., 1988, "Des grilles et des arbres". Recherches Linguistiques de Vincennes. 17.
- LAKS, B., 1990, "Constituance et métrique", in Architecture et géométrie des représentations phonologiques. LAKS e RIALLAND, (1991), eds. CNRS.
- MARTINET, A., 1965. La linguistique synchronique. PUF. Paris.
- PRINCE, A., 1983, "Relating to the grid", in Linguistic Inquiry. 14.